

# Iêmen, o lugar onde ninguém escuta seus gritos

Agora sabemos o que é preciso para mudar, por pouco tempo, o roteiro sobre a Arábia Saudita. Um jornalista tem de ser assassinado numa embaixada por ordem do príncipe herdeiro, o seu corpo tem de ser desmembrado com uma serra de ossos e os restos mortais sacrificados têm de ser dissolvidos numa cuba de ácido. Mas não é um jornalista qualquer. Os sauditas já mataram e prenderam muitos jornalistas. Mas Jamal Khashoggi era um jornalista que trabalhou para o *Washington Post*, um jornal de propriedade do homem mais rico do mundo. Os sauditas costumam comprar apenas aos seus críticos. Desta vez, porém, acharam Jeff Bezos demasiado rico para comprar.

No entanto, três meses antes, não houve nenhum protesto angustiante do *Washington Post* ou do *The New York Times* após um avião de combate da Arábia Saudita ter lançado um ataque aéreo num ônibus escolar na aldeia iemenita de Dahyan. O ônibus parou em Dahyan para um lanche após um dia de excursão e estava a caminho da escola quando foi atingido por uma bomba MK 82 guiada a laser fabricada pela Lockheed e vendida aos sauditas pelo Pentágono. Cinquenta pessoas foram mortas no ataque, todas civis, trinta delas crianças, a maioria com dez anos de idade ou menos. Mais 48 pessoas ficaram feridas.

Um dos professores da escola, Yahya Hussein, estava dirigindo um carro atrás do ônibus. Ela chegou em Dahyan poucos minutos depois do ataque aéreo e encontrou uma cena de horror indescritível. “Havia partes do corpo e sangue por todo o lado”, disse ele à Al Jazeera.

Os sauditas não se preocuparam em limpar o sangue ou esconder os membros cortados. Por outro lado, o Príncipe Herdeiro declarou que o bombardeio do ônibus escolar tinha sido um “ataque militar legítimo”. Poucos dias depois, os sauditas

bombardearam um funeral para uma das vítimas, matando e mutilando uma dúzia de outras. Os sauditas disseram que as milícias Huthi usaram as vítimas como escudos humanos. “Vou falar sobre muitas coisas com os sauditas”, disse Trump ao Axios recentemente. “Mas eu certamente não teria pessoas que não soubessem usar armas disparando em ônibus com crianças”.

Seria de esperar pelo menos um pouco de introspecção por parte do Pentágono na sequência daquele horrível assassinato de crianças. Em vez disso, o general favorito dos liberais, James Mattis, disse-nos que o papel da América na guerra ajudou a evitar vítimas civis. “Não há notícias de quando os pilotos da coalizão saudita agem com moderação”, disse Mattis. O que levanta a questão: quem matam os sauditas quando mostram contenção com suas armas americanas e a imprensa não está nas proximidades para examinar os restos mortais dos corpos?

Afinal, o bombardeio de Dahyan estava longe de ser o primeiro massacre civil perpetrado pelos sauditas usando “bombas inteligentes” feitas nos EUA. Em março de 2016, 97 civis morreram quando os sauditas bombardearam o mercado de Kames em Mastaba. De acordo com a Human Rights Watch, 25 crianças foram mortas nesse ataque. Sete meses depois, os sauditas lançaram outro míssil guiado por laser em um necrotério em Sanaa, matando 195 civis. No meio destas atrocidades, os sauditas continuaram a bombardear hospitais, escolas, centrais elétricas e instalações de tratamento de água, tudo isto em violação do direito internacional.

No total, os ataques aéreos da Arábia Saudita, apoiados pelos Estados Unidos, mataram mais de 5.000 pessoas, 60 por cento das quais civis. Essa letalidade sem lei finalmente acabou sendo um tanto exagerada até mesmo para o próprio rei dos drones. Após o ataque de Sana'a, Obama ordenou a suspensão da venda de novas armas aos sauditas. Claro que, nessa altura, a sua administração já tinha vendido aos sauditas mais de 115 mil milhões de dólares em armas, a maior quantidade de uma administração nos setenta anos de história da relação EUA-

Árabe Saudi. A proibição foi rapidamente levantada sob Trump, que não perdeu tempo em negociar seu próprio negócio de armas de US\$ 110 bilhões com a Casa de Saud.

A guerra no Iêmen, iniciada com Obama e acelerada com Trump, pode legitimamente ser chamada de guerra contra as crianças. A fome que varre grande parte do país em resultado do esmagador embargo contra a nação pode ser, segundo as Nações Unidas, a pior do planeta em mais de um século. Mais de 1,8 milhões de crianças estão à beira da fome, e pelo menos 130 morrem todos os dias.

Apesar do aumento do número de mortos, o Iêmen continua sendo um lugar que poucos americanos já ouviram falar ou poderiam colocar no mapa. No entanto, foi onde Barack Obama ordenou o assassinato, por veículo aéreo não tripulado, de um cidadão americano, Anwar al-Awlaki, e duas semanas depois ordenou outro ataque que matou seu filho de 16 anos, Abdulrahman, também cidadão americano. O presidente do Prêmio Nobel da Paz não permitiu nenhum processo justo.

O Iêmen também é o lugar onde Donald Trump cometeu seu primeiro crime de guerra ao autorizar uma batida de comandos, oito dias após sua inauguração, em uma vila onde 15 civis foram mortos, incluindo a filha de Al-Awlaki, Nora. Por que os Estados Unidos matam crianças no Iêmen? Quem o autorizou? Qual é o objetivo? Quando terminará? Ninguém diz nada. E muito poucos no Congresso ou na imprensa se preocupam em perguntar.

Não é uma guerra secreta como a do Afeganistão com Jimmy Carter. É pior: é uma guerra que ninguém se importa o suficiente para mencionar, avaliar ou debater. O Iêmen é o lugar onde ninguém te ouve gritar, mesmo quando você grita horrorizado com os corpos desmembrados das crianças de dez anos que eram seus alunos.